

# À MARGEM DA SABEDORIA: POR UM EXEMPLO DE CRÍTICA SOCIAL DE FUNDAMENTAÇÃO CRISTÃ NA IDADE MÉDIA TARDIA GERMANÓFONA EM *A NAU DOS INSENSATOS*, DE SEBASTIAN BRANT

Álvaro Alfredo Bragança Júnior\*

**Resumo:** Em tempos de mudanças sociais, políticas e culturais no século XV surge na região da Alsácia, então pertencente ao Sacro Império Romano-Germânico, uma obra, iniciadora de um gênero literário, a *Narrenliteratur* (Literatura dos Insensatos), cujo principal objetivo era advertir o homem de então dos perigos de uma nova instância reguladora do *orbe*, não sendo a Igreja. Sebastian Brant com seu *Das Narrenschiff* (*A nau dos insensatos*) critica os desvios de então, personificando os agentes sociais como insensatos, que se deixam levar por novos modelos de comportamento. Este artigo traz reflexões sucintas sobre este processo de automarginalização através de um estudo de caso acerca da figura do erudito, o qual, ao capitanear a nau, conduz seus passageiros à danação eterna sem possibilidade de retorno à salvação.

**Palavras-chave:** *Narrenliteratur*; Marginalização; Viagens imaginárias.

14

**Abstract:** at the time of social, political and cultural changes in the 15<sup>th</sup> century, it was published a book in the region of Alsace, then belonging to the Holy Roman-Germanic Empire, which created a new literary genre, the *Narrenliteratur* (Literature of the Fools), whose main objective was to warn mankind about the dangers of a new regulatory instance of the world, not being the Church. Sebastian Brant with his *Das Narrenschiff* (*The Ship of the Fools*) criticizes the deviations of that time, embodying the social agents as fools, who are led by new models of behavior. This article brings succinct reflections on this process of self-marginalization through a case study about the figure of the scholar, who, by captaining the ship, leads his passengers to eternal damnation without possibility of a return to salvation.

**Keywords:** *Narrenliteratur*; Marginalization; Imaginary journeys.

Submetido em: 22/07/2017

Aceito em: 24/08/2017

---

\* Doutor em Letras Clássicas pela UFRJ com estágio pós-doutoral em História Medieval pela Ruhr-Universität Bochum, Alemanha. Mestre em Filologia Românica. Professor Associado de Língua e Literaturas de Língua Alemã da Universidade Federal do Rio de Janeiro e dos Programas de Pós-Graduação em História Comparada e de Letras Clássicas da mesma Universidade. Desenvolve projeto de pesquisa sobre o tema Língua latina e cultura europeia na Idade Média. E-mail: [alvabrag@letras.ufrj.br](mailto:alvabrag@letras.ufrj.br).

## Introdução

No século XV, a Europa encontra-se em um franco processo de reorganização social e de relações econômico-políticas, que configurariam novos modelos culturais para os reinos de então. Interessa-nos aqui, nessas concisas linhas, esboçar alguns comentários acerca de uma manifestação literária presente originariamente em regiões do Sacro Império, no século XV, dentro daquilo que Cramer (2000) dentro da historiografia alemã denomina de Idade Média Tardia, e que se constitui como rico testemunho historiográfico de uma época em constante mutação. A literatura dos insensatos – em alemão *Narrenliteratur* – alcança uma dimensão tal *extra muros*, que transforma um jurisconsulto de Estrasburgo, Sebastian Brant, em um nome internacionalmente reconhecido, após ter publicado uma obra em alemão, em que satiriza os desvios do Homem de fins de século.

A partir da metáfora de uma viagem rumo à Narragônia, ou Insensatolândia, segundo a tradução brasileira de Volobuef (2010), descortinam-se na embarcação inúmeros tipos humanos, verdadeiros arquétipos de vícios, defeitos, posturas divergentes da ortodoxia ainda defendida pela Igreja em tempos de mudanças. Todavia, novos ventos impulsionavam o Homem a novos desafios, novas conquistas, ampliando o conhecimento do mundo pós-cartografia ptolomaica. Desde a Antiguidade, contudo, houve narrativas de viajantes rumo a lugares “nunca dantes navegados”: Luciano de Samósata chega a viajar até a Lua em suas *Das narrativas verdadeiras*; já Ulisses singrou os mares até retornar à sua terra, Ítaca; por outro lado, Enéias, de acordo com o cálamo virgiliano, é parte indissociável da história de Roma. No medievo, apenas à guisa de exemplificação, encontram-se viagens de santos, como a *Navigatio Sancti Brendani* e entre os séculos XIII e XV, deparamo-nos, por exemplo, há relatos sobre a terra da Cocanha, no mundo germanófono a *Schlaraffenland*,<sup>1</sup> terra de abundância de víveres, paraíso terreno para aqueles não favorecidos dentro da cadeia estamental do medievo. Nesse sentido pode-se falar de pessoas que estão, de certa maneira, à margem das *ordines* medievais.

---

<sup>1</sup> Em alemão, *Schlaraffenland*, literalmente “terra dos macacos preguiçosos”. Segundo o imaginário medieval, Cocanha era a terra do leite e do mel e o paraíso dos glutões e dos beberrões. Na França medieval, a terra era conhecida como *Coquaigne*, na Inglaterra, *Cocaygne* ou *Cockayne*. Essa concepção também existiu na Holanda e tornou-se muito popular na região germanófona do Sacro Império do século XVI (Cf. FRANCO JÚNIOR, 1998).

## Por uma definição de marginalidade

Procurando uma definição etimológica para o termo “marginal”, verifica-se que o mesmo é oriundo do vocábulo latino *marginalis*, que significa “relacionado com a margem”. Destarte, analisando-se a palavra a partir de seu significado primeiro, este remete à questão de limites naturais, como as margens de um rio, ou também extensivos à ação humana, como no caso das fronteiras políticas.

Caso se pense mais detidamente sobre a associação do *marginal* àquele indivíduo que vive à margem de um curso d’água ou de outro importante acidente geográfico, constata-se um desdobramento semântico do termo, que adquire contornos metafóricos para a análise historiográfica. Não entrando em discussão sobre a Antiguidade, mas focando a atenção para a Idade Média, percebe-se um claro sentido de “exclusão social”, como bem define o teórico que nos serve de suporte para este breve artigo, Bronislaw Geremek (*apud* LE GOFF, 1989, p. 233), ao refletir sobre o *marginal* como sendo “[...] produto da negação, individual ou de grupo, da ordem dominante, das normas de convivência aceitas, das regras e leis vigentes”.

O texto de Geremek, em linhas gerais, mostra que o exílio (1989, p. 233) é uma das formas de marginalização de um indivíduo, no caso de nossa fonte a analisar, de um variegado conjunto de seres humanos representantes de papéis sociais dentro do medievo do século XV. Deste modo, as viagens indiciavam também, de forma metafórica, uma partida que simbolizava o afastamento do seio social de origem, no caso, do universo cristão, com seus valores enraizados.

No tocante ao fim dos Quatrocentos, incluem-se na *A nau dos insensatos*, como veremos mais adiante, todos aqueles que, em determinado momento de suas vidas, começaram a se comportar de maneira destoante daquela entendida como modelar para a sociedade de então. Além disso, diversos outros fatores elencados por Geremek formam o perfil do marginal de fins do medievo,<sup>2</sup> tais como a falta de estabilidade profissional, o uso da delinquência como forma de vida, ofícios de reputação péssima, como a prostituição e às artes mambembes, as enfermidades, principalmente aquelas que deixam marcas visíveis no corpo, como no caso da lepra, embora não se deva esquecer de que, conforme assinala Geremek (1989, p. 245) a “[...] marginalização dependia, porém, das condições econômicas e do tipo de vida”, além de também estar vinculada à contestação do *establishment* de fundamentação teológica cristã, cuja aplicação no tecido social ainda se considerava imperiosa.

Em síntese, o distanciamento do indivíduo da sociedade em que nasceu e o conseqüente perigo da diversão dos caminhos condutores da vida levariam à perdição

---

<sup>2</sup> A listagem dos fatores segue o texto de Geremek (1989, p. 233-247).

e à colocação daquele à margem do edifício social idealizado dentro do projeto universal da cristandade. Unidos entre o desejo de aventurar-se por um mundo novo, inerente à época das Grandes Navegações, e com isso tencionando viver suas realidades de forma não mais condizente com uma visão tradicionalmente embasada pela palavra eclesiástica, homens e mulheres põem-se à margem da segurança da palavra de Deus e acorrem a uma insensata viagem, cuja realização se apresenta sob uma tipologia textual eminentemente germanófono e de caráter universalista, a literatura dos insensatos.

### **Novos tempos: o século XV e a *Narrenliteratur* de Sebastian Brant**

Desde os textos dos místicos<sup>3</sup> alemães,<sup>4</sup> a alegoria náutica é empregada para delimitar a relação do homem com o presente e o porvir. Johannes Tauler (1300-1361), nas duas primeiras estrofes de seu poema *Es kumpt ein schiff geladen*, usa abertamente os substantivos *schiff* (barco) e *schiffelin* (barquinho) para nomear os tipos de embarcação que trazem Jesus e Maria, respectivamente, até à terra firme. Nesse momento, a chegada de ambos representa a salvação da humanidade. Um século depois, porém, uma nau levará seus passageiros e tripulantes, por se desviarem da correta rota, à danação eterna.

O século XV ainda traz consigo dentro do Sacro Império as consequências advindas da Peste Negra, que grassou em boa parte da Europa na metade da centúria passada e remodelou as estruturas econômicas e sociais dos burgos principalmente através da importância adquirida pelas *Zünfte* – as corporações de ofício – ao inserirem um contexto mais dinâmico na circulação do dinheiro, na prestação de serviços e no estabelecimento gradativo e inexorável de estruturas mercantilistas, que romperiam paulatinamente com o modelo econômico característico do sistema feudal. Saliente-se, do mesmo modo, o crescente distanciamento de comerciantes e mercadores do estamento dos *laboratores* no campo, pois os serviços dos primeiros se dirigiam eminentemente às cortes feudais, o que acarretará, segundo Erwin Theodor (*apud* MONGELLI 1997, p. 145) “[...] porção considerável da população camponesa procurou abrigo de seus males nas cidades, sempre em prejuízo da agricultura, desgraça que até fins do século quinze tornou-se cada vez mais séria.” Em suma, as novas conformações

---

<sup>3</sup> Misticismo, nome que engloba o fazer literário de eclesiásticos dominicanos, em especial Mestre Eckhardt, Johannes Tauler e Heinrich Seuse, caracterizado pelo conceito de *unio mystica*, união anímica entre Criador e criatura, em voga até meados do século XIV.

<sup>4</sup> Embora não possamos falar ainda de uma unidade política denominada “Alemanha” usamos o adjetivo “alemães” como sinônimo de “falantes de língua alemã”.

econômicas e sociais possibilitam novas formas de expressão no campo cultural, grande parte deles divergentes dos moldes tradicionais.

A escolástica perde força diante de novos procedimentos hermenêuticos de decodificação da realidade e natureza circundantes, oriundos do conhecimento de novas regiões do globo terrestre. Os humanistas investigam o Homem e as criaturas empiricamente e a Arte os coloca em lugar de destaque, o que abala os alicerces do edifício social de fundamentação eclesiástica. Nesse momento instaura-se a dúvida e a credulidade diante de antigas *lectiones* postuladas pela Igreja, centradas em dogmas e verdades indiscutíveis.

A esta nova postura, reagiram os eruditos de formação cristã com escritos que visavam advertir os seguidores dessas novas tendências através de histórias curtas, acompanhadas de xilogravuras, a fim de facilitar a compreensão da mensagem. Lançando mão como pano de fundo o mundo náutico, homens e mulheres “embarcavam” em uma viagem sem volta rumo à própria perdição, pondo-se à margem (in)conscientemente das normas do projeto da cristandade, sendo “loucos” e “insensatos” a navegar para o abismo, descritos e apresentados por Sebastian Brant!<sup>5</sup>

Nascido em 1457 em Straßburg, Sebastian Brant estuda, a partir de 1475, Artes Liberais e Direito na universidade de Basel. Em 1483 e 1484 leciona Direito e Poesia naquela universidade e em 1489 alcança o título de Doutor, tornando-se em 1496 professor de Direito Romano e Canônico. Em 1500 retorna a Straßburg e três anos depois é nomeado secretário do governo civil, vindo a falecer em 10 de maio de 1521. Como homem de letras, Brant traduziu para o alemão as máximas latinas de autoria atribuída a Catão e escreveu também para seu filho um livro de preceitos morais, em forma de fábulas. Contudo, seu maior legado à História e à Literatura é sua obra *Das Narrenschiff* (A nau dos insensatos), um autêntico *best seller* em alemão, vertido para o latim com o título *Stultifera navis* e para outros vernáculos europeus como o francês, baixo-alemão, holandês e inglês.<sup>6</sup>

O termo *Narr* pode ser traduzido como “louco”, “bobo”, “tolo”. Acrescentamos ainda a essa gama de significados “insensato”. Através de um tipo de composição com versos rimados - *Versreden* – Brant une a simbologia a ele remetida<sup>7</sup> à visualização permitida pelas xilogravuras e tematiza as ações dos *Narren* centrando-as nos erros/desvios cometidos por membros de diversas profissões e grupos sociais de então. Hans Rupprich (1970, p. 582) assim define o posicionamento do escritor: o *Narr* “[...] não é apenas ridículo, mas também deve ser repreendido e deplorado. Ele é um ser humano

<sup>5</sup> Os quatro parágrafos seguintes são adaptados de Bragança Júnior (2010).

<sup>6</sup> Somente no século XVIII com a publicação de *Os sofrimentos de Werther* de Goethe uma obra em alemão superou a fama do livro de Brant.

<sup>7</sup> Aqui subentende-se o bobo da corte, com sua roupa específica e o capuz com guizos.

moralmente insuficiente.” Já Wolfgang Stämmler (1950, p. 204-205 *apud* BRAGANÇA JÚNIOR, 2010, p. 37) assim define o conceito de *Narr* do jurisconsulto alsaciano:

A vida é um grande carnaval e como os homens vagueiam travestidos para o carnaval e se apresentam como loucos, assim eles, de verdade, geralmente são. Em todos os estamentos, em todas as idades, sem diferença de sexo, o autor vê insensatos. Contudo, não somente aqueles que por ignorância ou estupidez agem de forma tresloucada – mas também aqueles que faltam ao respeito com os dogmas do credo cristão, aqueles que cometem faltas contra a moral humana são insensatos.

As sátiras estamentárias do medievo eram muito apreciadas, inclusive na época de Brant. Este, entretanto, acentua uma zombaria, em uma linguagem popular e satírica, dos vícios humanos e reúne as gravuras em um livro de poesias de caráter moralizante. O caráter moralizante das estrofes de Brant fica evidente e Hans Rupprich (1970, p. 582) acentua que, “[...] por trás disso há a opinião, de que os pecados e os vícios têm suas origens apenas na ignorância e na insensatez, as quais podem ser suprimidas somente através do ensino e da instrução.”

Outros eruditos da época também foram influenciados pela verve de Brant como Johann Geiler von Kaisersberg (1415-1510), Thomas Murner (1475-1537) e Hans Sachs (1494-1576) com seu *Fastnachtspiel*<sup>8</sup> *Das Narrenscheiden* (O corte insensato). Murner (*apud* GLÄSER, 1976, p. 72) cita, inclusive, o nome de Brant em sua obra *Die Narrenbeschwörung* (O exorcismo dos insensatos):<sup>9</sup>

A Ordem dos Insensatos é tão grande,  
que enche todos os caminhos e vias,  
vilas, cidades, lugares e terras.  
A todos esses Sebastian Brant  
levava consigo na nau dos insensatos...

Tripulantes e passageiros de tal embarcação, trajados como bobos da corte, rumam à Narragônia, à Terra dos Insensatos, afastando-se em definitivo dos preceitos de um mundo civilizado, conduzido sob a ótica de Deus e pela palavra da Igreja, sua representante no plano terreno. Como instrumento para facilitar a compreensibilidade aliava-se o texto à figura, estando a invenção dos tipos móveis de imprensa a cabo de Johannes Gutenberg (c.1368-1468), o que permitiu não apenas a visualização dos personagens-tipo presentes em *A nau dos insensatos*, como também os objetivos didáticos do texto de Brant.

<sup>8</sup> Gênero burlesco, com aspecto e realização teatral, comum no Sacro Império e originário de Nuremberg no século XV. Em português, “peças carnavalescas”, pois teriam sido primeiramente encenadas no período de Carnaval. Possuíam tom popular, cômico, porém englobavam tipos e temas do cotidiano.

<sup>9</sup> Para informações sobre os autores citados, cf. Bragança Júnior (2010).

## A fonte e seus compartimentos

*Das Narrenschiff* foi publicada em 1494 em Basel por Johann Bergmann von Olpe, sendo uma sátira moral que elenca arquétipos de *Narren* – “insensatos” -, os quais zarpam em direção à Narragônia.<sup>10</sup> O intento desta obra é conclamar, como salienta Karin Volobuef (2010, p. 17), os “[...] leitores à aceitação incondicional da doutrina cristã, à devoção fervorosa a Deus, à purgação dos pecados e à moralização dos costumes – nisso estaria a verdade e a sabedoria”. Listam-se, a seguir, os cerca de 116 capítulos – compartimentos - com xilogravuras,<sup>11</sup> desta nau:

01. Dos livros inúteis
02. Dos bons conselhos
03. Da ganância / avareza
04. De novos modismos
05. Dos velhos insensatos
06. Da correta educação infantil
07. Dos incitadores de discórdia
08. De não seguir bons conselhos
09. Dos maus costumes
10. Da verdadeira amizade
11. Desprezo pelas Sagradas Escrituras
12. De imprudentes insensatos
13. Do intercurso amoroso
14. Da insolência contra Deus
15. Dos planos insensatos
16. Da gula e da glotonaria
17. Da riqueza inútil
18. De servir a dois senhores
19. Da tagarelice abundante
20. Da descoberta de tesouros
21. Da repreensão e da incorrência no mesmo erro
22. Do ensinamento da Sabedoria
23. De superestimar a sorte

20

---

<sup>10</sup> Preferimos manter o étimo alemão, aportuguesando apenas o sufixo – *gonien*, pois o mesmo já está cristalizado em “Patagônia”, e mantivemos a raiz *Narr*, que, ao nosso ver, melhor soa em “Narragônia” ao invés de “Insensatolândia”.

<sup>11</sup> Embora haja divergência sobre o número total de capítulos da obra seguimos a proposta fixada por Junghans e Mähl (1995).

24. Do cuidado em demasia
25. Do pedir emprestado
26. Dos desejos inúteis
27. Dos estudos inúteis
28. Dos discursos contra Deus
29. Dos presunçosos insensatos
30. Dos benefícios em demasia
31. Da busca por ascensão na vida
32. Da proteção às esposas
33. Do adultério
34. Uma vez insensato, sempre insensato
35. Da irritação fácil
36. Da teimosia
37. Do acaso da sorte
38. Dos enfermos desobedientes
39. Das armadilhas reconhecíveis
40. Topar com insensatos
41. Não considerar tudo o que se diz
42. Do escarneador
43. Desprezo pela alegria eterna
44. Barulho na igreja
45. Do infortúnio intencional
46. Do poder dos insensatos
47. Do caminho para a bem aventurança
48. Uma nau das corporações
49. Mau exemplo dos pais
50. Da luxúria
51. Guardar segredos
52. Casamento por interesse
53. Da inveja e do ódio
54. Do não querer ser criticado
55. Da farmacologia insensata
56. Do fim do poder
57. Da Providência divina
58. Do auto-esquecimento
59. Da ingratidão
60. Da vaidade



61. Da dança
62. De cortejar à noite
63. Dos mendigos
64. Das mulheres más
65. Da observação das estrelas
66. Querendo explorar todas as terras
67. Não querendo ser insensato
68. Não entendendo brincadeiras
69. Querendo fazer o mal impunemente
70. Não tendo precaução a tempo
71. Brigando e indo ao tribunal
72. Dos grosseiros insensatos
73. Do tornar-se eclesiástico
74. Das caças inúteis
75. Dos atiradores ruins
76. Da grande ostentação
77. Dos jogadores
78. Dos oprimidos insensatos
79. Bandoleiros e advogados
80. Da mensagem insensata
81. Dos cozinheiros e dos serviços
82. Das despesas do camponês
83. Do desprezo pela pobreza
84. Da persistência no Bem
85. Não se precavendo contra a morte
86. Do desprezo por Deus
87. Da blasfêmia
88. Da praga e do castigo de Deus
89. Das trocas insensatas
90. Honrar pai e mãe
91. Do tagarelar no presbitério
92. Arrogância da soberba
93. Usura e provisionamento
94. Da esperança na herança
95. Da tentação em dia santo
96. Presentear e arrepender-se
97. Da indolência e da preguiça

98. Dos estrangeiros insensatos
99. Da decadência da fé
100. Acariciando o fulvo garanhão
101. Do sopro nos ouvidos
102. Da falsificação e da fraude
103. Do anticristo
104. Omitindo a verdade
105. Impedimento do Bem
106. Descuido com as boas obras
107. Da recompensa da Sabedoria
108. A Nau da Cocanha
109. Desdém da desgraça
110. Difamação do Bem
111. Dos maus costumes à mesa
112. Dos carnavalescos insensatos
113. A escusa do poeta
114. O homem sábio
115. Protesto
116. Fim da Nau dos Insensatos

O tema da insensatez humana parece estar presentificado praticamente em todos os estamentos sociais a bordo da nau, o que torna plausível a proposta interpretativa da obra se caracterizar como um *speculum mundi*, i.e., um espelho de vícios e comportamentos não condizentes com uma sociedade pretensamente cristã. Note-se que o espelho é retratado em algumas xilogravuras como no capítulo 04, "De novos modismos", 60, "Da vaidade", e 92, "Arrogância da soberba".

A insensatez, sinônimo de loucura para Brant prende-se aos erros da sociedade da época, pois os pecados e os vícios teriam sua causa apenas na ignorância e na insensatez, que poderiam ser suprimidas pelo ensino e pela instrução, ainda consoante a *lectio divina* ministrada pela Igreja. No Prefácio à obra, o autor assevera que a mesma se destina a "[...] ser útil e salutar, advertência e êxito da sabedoria, da razão e dos bons costumes. Também para desprezar e punir a insensatez, a cegueira, o erro e a tolice em todas as cidades, de homens e mulheres" (BRANT, 1995, p. 5).

Uma classificação tipológica das histórias em *Das Narrenschiff*, em que se aponte o descaminho da época, não é, contudo, o escopo destas reflexões. Ater-nos-emos, sim, a um exemplo de crítica social, no caso endereçada a um erudito, cuja função precípua está bem descrita e ilustrada em texto e xilogravura abaixo estudados.

## À margem da sabedoria: por um exemplo para análise em *A nau dos insensatos*

Ao verificarmos os textos e xilogravuras que retratam a partida dos navegantes e a composição da nau com seus tripulantes é digno de nota seus traços fisionômicos e sua vestimenta. Rostos como que deformados, olhares perdidos ou esbugalhados, vestidos com os típicos trajes de bobo-da-corte, alguns a alegrar-se freneticamente, outros com aparência de enjôo – a mera apresentação dos tipos humanos induz o espectador da xilogravura a vislumbrar o não pertencimento daqueles ao seio da cristandade, o que os marginaliza, pois como comenta Geremek (1989, p. 123),

Os excluídos da comunidade cristã e, por conseguinte das estruturas fundamentais da Europa medieval, não eram só os heréticos, mas também os infiéis, ou seja, pessoas que professavam uma fé diferente, e os pagãos. O simples fato de não se aceitar a verdade da ortodoxia cristã era motivo suficiente para se ser considerado diferente e ser excluído.

Como amostra dos transtornos ocasionados pelos estultos comportamentos dos tripulantes, temos o frontispício com as ilustrações de Dürer, representando os preparativos para a viagem e a concentração dos insensatos junto à nau (Figura 1).<sup>12</sup>

24

Em tal gravura percebem-se dois momentos distintos: no plano superior há uma carroça, na qual estão presentes os *Narren* a deixar suas terras e se por em marcha rumo à embarcação. No plano inferior encontra-se a nau que se destina *Ad Narragonien* (Para a Narragônia). Dentro dela, os passageiros a bordo conclamam aqueles que, com botes, se deslocam ao barco, ao falar *har noch* (Sigam-nos!) e, mais abaixo, *Zu schyff, zu schyff brüder: es gat / es gat* (Embarcar, embarcar, irmãos: vamos partir, vamos partir!).

Do mesmo modo entoa-se o hino *Gaudeamus omnes* (Alegremo-nos todos), comum nas viagens marítimas naquela época. Um bedel segura o estandarte, símbolo da “irmandade” e que se assemelha ao orbe terrestre.

Quase imperceptível, porém de extrema importância na simbologia presente n’*A nau dos insensatos*, é o nome *Dr. Gryff*, podendo este ser divisado bem embaixo do bedel, no costado da embarcação. O nome, segundo Lemmer (1964, p. 135), que também aparece nos capítulos 76 e 108, encontra-se em outras obras literárias da época. No capítulo 76, ‘Da grande ostentação’, nos versos 65 e seguintes, surge o nome *Dr. Greyff*,<sup>13</sup> pois como sugere Lemmer (1964, p. 135), “[...] ele pega todos os outros insensatos pelo ouvido (i.e., [ele] os repreende, porque todos estão aferrados aos graus e títulos acadêmicos, sem, contudo, mostrar mérito pelo seu correspondente desempenho”.

<sup>12</sup> Confirma mais a respeito em Bragança Júnior (2010).

<sup>13</sup> Para mais informações sobre o personagem *Dr. Greyff*, cf. Junghans e Mähl (1995, p. 280).

**Figura 1** - Frontispício de *Das Narrenschiff* com ilustração de Albrecht Dürer



**Fonte:** Brant (2004, p. 1).

Exatamente com referência à titulação acadêmica seguem-se os comentários a partir da ilustração e texto correspondentes (Figura 2 e Quadro 1).

**Figura 2** - Ilustração do capítulo 1, *Dos livros inúteis*



**Fonte:** Brant (2004, p. 7).

**Quadro 1** - Texto do capítulo 1, *Dos livros inúteis*

Original em Frühneuhochdeutsch <sup>14</sup>	Tradução para a língua portuguesa <sup>15</sup>
<p><i>Den vordantz hat man mir gelan Dann jch on nutz vil buecher han Die jch nit lyß und nyt verstan</i></p> <p><b>Von vnnutzen buchern</b></p> <p>Das jch sytz vornan jn dem schyff Das hat worlich eyn sundren gryff On vrsach ist das nit gethan Vff myn libry ich mych verlan Von buechern hab ich grossen hort Verstand doch drynn gar wenig wort Vnd halt sie dennacht jn den eren Das ich jnn wil der fliegen weren Wo man von künsten reden dut Sprich ich / do heyms hab jchs fast gut Do mit loß ich benuegen mich Das ich vil buecher vor mir sych / Der künig Ptolomeus bstelt Das er all buecher het der welt Vnd hyelt das für eyn grossen schatz Doch hat er nit das recht gesatz Noch kund dar vß berichten sich Jch hab vil buecher ouch des glich Vnd lys doch gantz wenig dar jnn Worvmb wolt ich brechen myn synn Vnd mit der ler mich bkümbren fast Wer vil studiert / würt ein fantast Jch mag doch sunst wol sin eyn here Vnd lonen eym der für mich ler Ob ich schon hab eyn groben synn Doch so ich by gelerten bin So kan ich jta sprechen jo Des tütschen orden bin ich fro Dann jch gar wenig kan latin Jch weyß das vinum heysset win Gucklus ein gouch / stultus eyn dor Vnd das ich heyß domne doctor Die oren sint verborgen mir Man saeh sunst bald eins mullers thier</p>	<p><i>Na dança dos tolos sou o capitão, Livros úteis eu enxergo de montão, Que eu não leio e não entendo não.</i></p> <p><b>Dos livros inúteis</b></p> <p>Por eu me sentar à frente da nau Há, deveras, razão especial; Isso não é por casualidade: Tenho c'os livros bastante amizade, Dos livros eu tenho grande amparo, Entender uma palavra também é raro, Logo, em tão altas honras, eu os mantenho: Quero das moscas defendê-lo com empenho. Onde discurso sobre a Ciência se faz, Eu digo: "Em casa bem ela jaz!" Saciada deve minha mente ficar, Quando muitos livros estão a me circundar A respeito do Rei Ptolomeu foi falado, Que ele tinha todos os livros do mundo ao seu lado</p> <p>E como tesouros começou a guardar, Porém, muitos só preencheram o lugar, Dos livros ele nada pôde aprender. Tenho livros como ele para dar e vender E do conteúdo bem pouco tenho lido. Deveria eu despedaçar o sentido, E me enfadar com a carga do aprendizado? Quem muito estuda se torna alienado! Cavalheiro, aliás, eu poderia ser E pagar um que por mim pudesse aprender! Possuo uma mente grosseira de fato, Contudo, se tenho com sábios contato, Posso eu então "Ita! – Sim!" dizer Com a <i>Ordem Alemã</i> sinto prazer, Pouco latim conheço, porém. Sei que <i>vinum</i> é vinho, também, <i>Gucklus</i> é cuco, <i>stultus</i> é abobado E que "<i>domine doctor</i>" sou considerado! Tenho as orelhas ocultas de mim, Do contrário, logo ver-se-iam um burro sim.</p>

26

<sup>14</sup> Definido linguisticamente como primeiro período do moderno alto alemão, em voga entre meados do século XIV até o século XVI.

<sup>15</sup> Tradução a partir do original de Felipe André Gomes Santos.

Os três versos iniciais rimados representam um personagem, que está sentado numa espécie de púlpito e munido de uma espécie de espanador e portando óculos, além de estar rodeado por inúmeros livros, parte abertos, parte fechados, e que é consciente de seu papel como guardião do saber, assemelhando-se a um erudito de então. Todavia, como ele mesmo afirma, ele não os lê e, conseqüentemente, não pode entendê-los, o que não condiria com seu lugar privilegiado na nau.

Mais adiante, o capitão afirma possuir apreço pelos livros, empenhando-se em livrá-los das moscas (verso 8). O conhecimento neles constantes estaria "em casa", pois estariam acondicionados dentro dos livros, sem ser propagado, o que certamente iria de encontro com as prerrogativas de um *domine doctor* (verso 32), alguém douto em latim, mas que aqui não conhece o idioma do Lácio (verso 29), à exceção de pouquíssimas palavras, uma sabedoria assentada em uma falsa cultura.

O erudito continua a jactar-se de sua pretensa sabedoria, ao se questionar "*por que deveria eu despedaçar o sentido / E me enfiar com a carga do aprendizado?*" (versos 20-21), chegando a dizer que poderia ascender ainda mais socialmente, caso alguém pudesse, em seu lugar, se submeter ao rigor dos estudos universitários, mas lhe concedesse os louros por isso (versos 23-24).

O falso erudito, possivelmente um homem com formação universitária (?), cita ainda Ptolomeu II Filadelfo, faraó egípcio (309 a.C.-246 a.C.) como grande admirador da cultura, devido possivelmente ao fato de mandar guardar o acervo do conhecimento do mundo de então na Biblioteca de Alexandria.

Após mais considerações acerca da sua falta de cultura, por ele ser possuidor, palavras próprias, de uma "*mente grosseira*" (verso 25), o insigne *litteratus* conclui sua história de insensatez ao confirmar que possui orelhas de burro, mas que as mantém ocultas, para não ser descoberta sua fraude acadêmica.

Com este personagem, Sebastian Brant satiriza a atitude de pretensa sabedoria de inúmeros ditos "eruditos" de fins do século XV, que se afastaram dos ensinamentos tradicionais oriundos das universidades e centrados principalmente no Direito e Teologia. Fixando o falso sábio em um lugar de destaque na *nau dos insensatos*, o autor alsaciano demonstra a errônea liderança que está à frente da embarcação e que levará todos os viajantes à sua perdição e conseqüente marginalização dentro do mundo cristão, como entendido por Geremek (1989, p. 236):

Na Idade Média, de fato, o conceito de marginalização proveniente de metáforas espaciais está relacionado diretamente com o conceito de espaço, interpretado dicotomicamente como "dentro" e "fora", centro e periferia, e contendo um juízo de valor, já que ao primeiro termo dessa dicotomia se atribui um caráter positivo.

## Considerações finais

Em fins do século XV criou-se um gênero literário em terras do Sacro Império, o qual retratava as mazelas e desventuras por que passava a sociedade de então, independentemente da posição social do indivíduo dela constante. Como uma voz de denúncia e de admoestação, Sebastian Brant concebeu sua *Nau dos Insensatos* como uma resposta literária, baseada em xilogravuras e textos curtos satíricos, nos quais repreendia homens e mulheres em busca de conhecimento e sabedoria distantes, na maioria das vezes, dos padrões tradicionais veiculados pela exegese escolástica do sagrado.

Destarte, a representação dos insensatos como bobos da corte pode parecer paradoxal aos olhos do estudioso contemporâneo. Este último personagem possuía certa liberdade e autonomia para, lançando mão do riso, da galhofa e do lúdico, troçar e até mesmo criticar determinadas personalidades da nobreza dirigente das cortes feudais. Seus trajes, porém, foram então apropriados para caracterizar a indumentária dos servos da insensatez. Guizos e orelhas de burro adornam rostos transtornados, mas também sedutores, como aqueles de inúmeras figuras femininas.

Todavia, singrando os mares rumo à Narragônia, senta-se em seu trono o capitão, figura alegórica do mestre universitário por nós analisada, rodeado por inúmeros livros, para ele inúteis, pois a não internalização do conhecimento e sua aplicação na prática cotidiana é por ele revelada e apontará para o funesto destino que aguardará a todos os passageiros.

Como fonte para a análise historiográfica, *Das Narrenschiff* problematiza, dentre outros temas, a exclusão do seio da cristandade daqueles que não mais leem, ouvem e agem conforme as Escrituras em tempos de cultura humanista e renascentista. Colocando-se em uma (in)consciente posição rumo ao norte para a Salvação, homens e mulheres, doutos e rudes automarginalizam-se, e não chegando à margem, perecerão em uma condenação eterna, uma viagem sem volta.

## Referências

### Documentação primária

- BRANT, Sebastian. **A nau dos insensatos**. Tradução de Karen Volobuef. São Paulo: Octavo, 2010.
- \_\_\_\_\_. **Das Narrenschiff**. Herausgegeben von Hans-Joachim Mähl. Stuttgart: Philipp reclam Jun., 1995.

\_\_\_\_\_. **Das Narrenschiff**. Herausgegeben von Manfred Lemmer. 4. Auflage. Tübingen: Max Niemeyer, 2004.

### Obras de apoio

BRAGANÇA JÚNIOR, Álvaro Alfredo. O louco e o pícaro: aventuras e desventuras na sociedade germanófono nos séculos XV e XVI – um retrato literário. IN: ZIERER, Adriana. (Org.). **Uma viagem pela Idade Média**: estudos interdisciplinares. São Luís: Ed. Universidade Estadual do Maranhão, 2010, p. 35-46.

\_\_\_\_\_. Narr e o pícaro na literatura alemã - (des) caminhos na sociedade dos séculos XV e XVI. In: Congresso Brasileiro dos Professores de Alemão, III. **Anais...** Associação Brasileira dos Professores de Alemão, Campinas, 1996, p. 458-466.

CRAMER, Thomas. **Geschichte der deutschen Literatur im späten Mittelalter**. 3. Auflage. München: DTV, 2000.

GAIER, Ulrich: "Plato noster": Platonismus im *Narrenschiff*. In: ROLOFF, Hans-Gert; VALENTIN, Jean-Marie; WELS, Volkhard (Hrsg.). **Sebastian Brant (1457-1521)**. Berlin: Weidler, 2008.

GEREMEK, Bronislaw. O Marginal. In: LE GOFF, Jacques (Org.). **O Homem Medieval**. Lisboa: Estampa, 1989, p. 233-248.

GLÄSER, Hermann et al. **Wege der deutschen Literatur**. 13. Auflage. Frankfurt am Main, Berlin, Wien: Ullstein, 1976.

LEMMER, Manfred. **Die Holzschnitte zu Sebastian Brants Narrenschiff**. Leipzig: Insel-Verlag, 1964.

MONGELLI, Lênia Márcia. **Mudanças e rumos**: o Ocidente medieval (séculos XI-XIII). Cotia: Íbis, 1997.

RUPPRICH, Hans. **Die deutsche Literatur vom späten Mittelalter bis zum Barock**. Erster Teil. Das ausgehende Mittelalter, Humanismus und Renaissance. 1370-1520. München: C.H. Beck'sche Verlagsbuchhandlung, 1970.

STAMMLER, Wolfgang. **Die deutsche Dichtung von der Mystik zum Barock**. 1400-1600. 2. Auflage. Stuttgart: J. B. Metzlersche Verlagsbuchhandlung, 1950, p. 204-205.